

In Cordibus Nostris

ESPIRITUALIDADE PASSIONISTA

Ano V • Edição 02 • FEVEREIRO 2024

“VÓS SOIS TODOS IRMÃOS E IRMÃS”

“Um cristão crê no amor e entrega-se ao amor.”



**Ir. Célia Aparecida
Bahú, cp**

É irmã Passionista da Província Maria Rainha da Paz, atualmente mora em Roma na casa geral e é conselheira geral para América Latina.

Como vem acontecendo há 60 anos, a Igreja no Brasil durante o tempo da Quaresma realiza a Campanha da Fraternidade propondo um tema de reflexão que abarca a dimensão pessoal, comunitária, espiritual e social, para favorecer o aprofundamento da espiritualidade própria deste tempo litúrgico que nos convoca, por meio da Palavra de Deus, a avançar no processo de conversão em preparação para a celebração da Páscoa que é o centro da fé cristã e de nossa identidade Passionista. Neste ano a Campanha da Fraternidade tem como tema: “Fraternidade e Amizade Social” e o lema “Vós sois todos irmãos e irmãs”(cf. Mt 23,8).

Neste artigo buscarei refletir um pouco sobre o lema da CF: “Vós sois todos irmãos e irmãs”. São palavras proferidas por Jesus em um contexto de debate e conflito com os fariseus, onde Ele os confronta duramente por causa de suas atitudes hipócritas, de suas pretensões de se apresentarem como mestres, porém sem autoridade, pois não vivem o que ensinam; não são misericordiosos com os demais, amarram pesados fardos e os impõem

aos irmãos, sem movê-los com o dedo (cf. Mt 23, 4). Jesus, neste discurso, de certa forma denuncia a falta de fraternidade por parte dos fariseus.

O tempo quaresmal nos impulsiona a retornar ao coração do Evangelho, por meio da conversão pessoal, comunitária e social. A Campanha da Fraternidade nos desperta para o valor e o sentido da fraternidade humana promovendo e fortalecendo os vínculos do amor, a capacidade de aproximação e acolhida do outro, como irmão, para que, em Jesus Cristo, a paz que tanto precisamos seja um sonho realizado entre todos os povos.

A Palavra de Deus é luz que ilumina nossas mentes e corações dando um sentido à nossa vocação humana e cristã, que nos faz sentir todos irmãos e irmãs. Redescobrir a beleza da fraternidade, o valor do outro, da outra, é uma urgência neste mundo que valoriza pouco esta dimensão, este sentimento, esta verdade que nos identifica como seres humanos, como pessoas que cultivam a fé em um Deus que é Pai bondoso e

misericordioso, que ama, se interessa por seus filhos e com um amor envolvente abraça a todos indistintamente.

Para experimentar este sentimento de fraternidade que nos coloca em uma condição de igualdade, de proximidade com todas as pessoas, faz-se necessário fortalecer nossa identidade e vocação de filhos e filhas amadas, no Filho Jesus, que com o seu Batismo se solidariza com todos os seres humanos pecadores, frágeis. Ele, o Filho Amado do Pai, nos resgata e insere na filiação divina: Tu és o meu Filho bem-amado; em ti ponho minha afeição (Cf. Lc 3,22).

Que caminhos devemos percorrer para voltar a ouvir esta voz: Tu és o meu filho, a minha filha amada? Vivemos em um contexto que não favorece muito esta experiência, por causa de uma concepção da vida muito influenciada pelo materialismo que apresenta um projeto de felicidade sem Deus e sem o outro; por promover práticas que exaltam o individualismo, o bem-estar pessoal sem uma compreensão mais profunda dos valores que dão sentido à existência. Se promove a realização pessoal sem incluir a relação com Deus e com o irmão, com a irmã. Na relação com Deus e com as pessoas se experimenta que o amor é o alicerce que dá sentido à vida. Sem este fundamento o ser humano não experimenta a plenitude, se desorienta e não aprende o valor do respeito a si mesmo e aos outros.

A vivência da fraternidade se expressa na necessidade de acolhida e valorização da presença do outro como irmão. Trata-se de uma urgência, de um grande desafio que necessita ser enfrentado com criatividade e esperança, buscando caminhos que impulsionem a busca da realização pessoal incluindo valores essenciais como: a prática de

bons hábitos que se aprende no ambiente familiar, a apreciação das coisas simples, a beleza e do cuidado com a criação, o prazer de estar com as pessoas, a necessidade de cultivar relações saudáveis com todos, a sensibilidade com os que sofrem, a solidariedade que possibilita sentir o outro como irmão e não como rival.

Na vida em família se aprende e se vive a experiência de fraternidade, de sentir-se acolhido, amado e respeitado; se exercita a sensibilidade e a interação com os que são próximos, este aprendizado se estende nas relações em sociedade. No contato com o outro, se vive valores como o respeito ao bem comum e o compromisso, particularmente, com os inocentes, pobres e sofredores. A fraternidade é uma experiência concreta, uma espiritualidade vivida em dinâmicas e aprendizados, sempre em contato com os demais. Uma experiência que confirma a certeza de não haver outro caminho mais eficaz para a busca, a conquista e o cultivo da paz que a humanidade tanto necessita.

Como Igreja precisamos abraçar esta realidade e oferecer suporte às famílias, acompanhando-as em sua nobre e difícil missão de ser educadora e transmissora da fé e dos valores que edificam a vida em sociedade. As famílias são chamadas a uma missão educativa primária e imprescindível. Constituem o primeiro lugar onde se vive e transmite os valores do amor e da fraternidade, da convivência e da partilha, da atenção e do cuidado com o outro. São também o espaço privilegiado para a transmissão da fé, a começar por aqueles primeiros gestos simples de devoção que as mães ensinam aos filhos. (Cf. Fratelli Tutti, 114). A carência desta base familiar interfere na formação da personalidade, gerando desarmonia, vazios e sentimento de abandono,

pois não se vive a experiência de sentir-se filho amado, abraçado por um Pai que ama a todos. Quem não experimenta Deus como Pai, dificilmente se sentirá irmão do outro, pois Deus é 'Pai Nosso' e quer que sejamos felizes, vivendo em comunhão uns com os outros.

A fé cristã que tem o amor como centralidade, acolheu a essência da fé de Israel, dando a esta uma nova profundidade. O crente israelita, reza: "Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com todo o teu ser, com todas as tuas forças" (Dt 6, 4-5). Jesus uniu o mandamento do amor a Deus com o do amor ao próximo: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo", fazendo dele um único preceito (Cf. Lv 19,18; Mc 12,29-31).

Podemos identificar uma profunda conexão entre o amor a Deus, o amor ao próximo e o amor a si mesmo, como fundamento que gera a experiência de comunhão e de fraternidade. Partimos do essencial colocando Deus no centro da nossa vida: a Ele somente adoramos e nos submetemos, amando-O com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças. Esta atitude suscita humildade, reverência, conhecimento da própria fragilidade e da dependência tanto de Deus como dos outros tornando visível a experiência da fraternidade, ou seja, a capacidade de sentir-se um com os outros, todos chamados à mesma dignidade, com potencialidades e possibilidades de realizar-se, de participar de forma ativa e responsável da história.

Jesus ao ensinar-nos a reconhecer Deus como 'Pai Nosso', nos revelou algo essencial: Deus em seu infinito Amor, nos adota como seus filhos. Ele nos ensina a rezar não só por nós mesmos, mas pelos nossos irmãos, por toda a comunidade.

Ao chamar Deus de Pai, estamos reconhecendo que Ele é a fonte da vida, o poder supremo, a misericórdia infinita; nele confiamos e dele esperamos tudo; ao mesmo tempo manifestamos nossas aspirações mais profundas e nosso desejo de viver com Ele relações filiais, cheias de amor e de respeito. A palavra "Pai" nos fala do amor a Deus e a palavra "nosso" fala-nos do amor ao próximo. Ensinando-nos esta oração, Jesus revelou nossa identidade de filhos e irmãos.

Sentir-se filhos amados e irmãos de todos significa acolher o dom da vida, o projeto de felicidade, de vida em plenitude que Deus nos prepara. Neste caminhar se experimenta a exigência de um amor que abraça a todos, pois o projeto de Deus para nós filhos e irmãos, é viver em harmonia, em paz e concórdia com os demais, em generosa comunicação de bens e sentimentos; é praticar a tolerância, saber conviver, aceitar os demais tal como são, amá-los do mesmo modo com que Deus nos ama a todos. Um cristão crê no amor e entrega-se ao amor (cf. 1 Jo 4,16). Não podemos ser autênticos discípulos de Jesus Cristo se não nos sentimos sacudidos pelo grito de milhares de homens, mulheres, jovens, crianças e idosos que vivem na humilhação, na miséria, no desespero, assediados pela injustiça, pela fome, pela violência, pelo ódio, pela vingança.

Nos caminhos do mundo, onde realizamos nossa missão, encontramos tantas pessoas que não experimentam a beleza de se sentirem amadas e valorizadas em sua dignidade de seres humanos criados para realizar um projeto de felicidade, de vida em abundância relacionando-se com Deus, consigo mesmo e com os outros. Em tantas situações o ambiente familiar não oferece condições favoráveis para vivenciar a vocação de filhos e irmãos. Esta carência gera indivíduos egoístas,

vazios, desequilibrados, incidindo negativamente nas relações sociais. Como nos recorda Papa Francisco, o amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a sua plenitude, isolando-se. A dinâmica do amor exige uma progressiva abertura, uma capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença (Cf. Fratelli Tutti, 95).

Esta realidade interpela-nos enquanto educadores da fé, a apresentar possíveis alternativas à luz da novidade do Evangelho, com uma linguagem que chegue aos corações e propicie um caminho de transformação. Como educadores e formadores, Deus nos confia a missão de educar as crianças e os jovens, na escola ou nos vários centros de agregação infantil e juvenil, cientes de que é uma responsabilidade que envolve a dimensão moral, espiritual e social da pessoa. Os valores da liberdade, do respeito mútuo e da solidariedade podem ser transmitidos desde a mais tenra idade (Cf. Fratelli Tutti, 114).

Como Passionistas podemos contribuir de maneira significativa no acompanhamento das famílias, das Comunidades e de todas as pessoas que Deus nos confia na missão, dando-lhes suporte para uma sólida educação na fé, nos valores do Evangelho, colaborando na formação de pessoas equilibradas, respeitosas, solidárias, como fruto da experiência de sentir-se filho amado, filha amada, irmão e irmã de todos. Que possamos abraçar corajosamente esta causa, acreditando na possibilidade de construir um mundo mais humanizado e mais fraterno, envolvendo-nos em iniciativas já existentes e propondo ações transformadoras à luz da Memória da Paixão.

Para refletir:

1 Nossas famílias e Comunidades favorecem a experiência de sentir-se filho amado, filha amada, irmão e irmã de todos? Há algo que precisamos melhorar?

2 Nossas ações pastorais/missionárias contribuem na mudança de uma mentalidade que promove a felicidade sem Deus e sem o outro?

3 Como Passionistas, que iniciativas e ações podemos promover para intensificar a vivência da fraternidade como caminho para a conquista da paz e da justiça entre os povos?



Contato por e-mail:
espiritualidadepassionista@gmail.com



**Família Passionista
Fevereiro 2024**

EXPEDIENTE

Equipe de Espiritualidade da FPB

Ir. Jaqueline B. de Oliveira, cp
Prov. São Gabriel

Cl. Luiz Carlos Rodrigues da Silva, cp
Prov. Getsêmani

Ir. Maria Irene da Silva, cp
Prov. Rainha da Paz

Maria do Socorro Marcos da Silva
Leiga – Prov. Getsêmani

Ir. Rosana Bertachi, cp
Prov. Imaculado Coração

09 - Comemoração Solene da Paixão de N. S. Jesus Cristo
10 - Recordação da Venerável M. Maddalena Marcucci,
Monja Passionista;
13 - oração de Jesus no Horto
17- Recordação da Ven. Edvige Carboni, Leiga Passionista da
Confraria da Paixão;
19- Recordação do Servo de Deus Dom Stanislao Battistelli,
Bispo Passionista;
27- Festa de São Gabriel da Virgem Dolorosa, Passionista.

